



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

Isto é que vai para aí um bailinho. Ou não.

O enredo é dos bons, embora prometa mais drama do que humor. Noticiou a RTP-Açores, há dias, que o preço do aluguer dos autocarros para os grupos que organizam bailinhos de Carnaval mais do que duplicou em relação a 2024. Logo se engalinharam os terceirenses no debate, como sempre o fazem em matérias das quais depende o futuro da humanidade. Uns revoltam-se contra os preços agora praticados pela empresa de transportes. Outros, mais previdentes, já pensam em alternativas ou não fosse este nosso penar uma adaptação constante. Os mais barulhentos acham que os poderes públicos têm de intervir.

Prezo bastante o Carnaval da Ilha Terceira, incluindo – e sobretudo – os seus excessos, não tanto porque nele tenha participado, mas pelas múltiplas histórias que conta. Há, evidentemente, o seu valor histórico, refletindo de múltiplas maneiras o teatro popular por-

tuguês e perpetuando, no presente, os traços de Gil Vicente. Neste nosso espaço limitado, o Carnaval terceirense tem, também, um cariz social inequívoco. Cada grupo reforça laços espontâneos de amizade e fraternidade. O seu caráter mordaz não poupa nada, nem nin-

Aproximar o Carnaval da Terceira aos apoios públicos é subvertê-lo, se não mesmo condená-lo.

guém o que, diga-se, é um privilégio à escala global neste tempo de limitação à ofensa. Ademais, a certa altura, o Carnaval terceirense foi também um meio e um escape para, através da ironia, parodiar o autoritarismo quando o medo e o silêncio imperavam. E nos tempos mais recentes, foi ainda uma forma original de promoção dos direitos das mulheres, quando os homens teimavam em

fazer do palco o seu reduto. Por estas e outras razões que desconheço, o Carnaval da Terceira nesta sua forma muito particular de rir e partilhar é considerado património imaterial da UNESCO. Mesmo que não tivesse esse estatuto reconhecido por um olhar alheio, continuaria a ser aquilo que é: uma festa autêntica, comunitária e caótica. Enfim, uma boa definição da Terceira, como bem sabemos.

O Carnaval terceirense sempre primou pela independência nas ações e nas ideias. É pela sua natureza que me oponho aos barulhentos nesta disputa. A meu ver, por muito barulho que façam, são também os resignados nesta história, procurando a solução usual e fácil. Aproximar o Carnaval da Terceira aos apoios públicos é subvertê-lo, se não mesmo condená-lo. Numa região tão excessiva e abusivamente intervencionada pelo Estado em tantas e tão variadas matérias para benefício próprio de quem tem os poderes, é fundamental

que as exceções a essa regra predominem. O Carnaval por aqui continua a ser uma delas e é bom que assim permaneça. Já todos sabemos como acabam essas concessões. Cede-se agora e daqui a dez ou quinze anos, vem um presidente de câmara ou um diretor regional a terreiro clamar a sua ofensa, por não concordar com o enredo do bailinho. Vão por mim, é mesmo assim que este assunto acaba.

Quanto ao aumento do preço dos autocarros, será ele obsceno? Respondo com outra pergunta – ou não fosse eu psicólogo: não queriam mais e mais e mais turismo? Pois é tão-só o mercado a funcionar. As consequências acabarão por tocar a todos, não duvidem. ■